

PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL E O CURRÍCULO OCULTO

Vania Dal Pont

Doutorando em educação/UFPel

Josias Pereira

Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas

A tecnologia vem proporcionando mudanças culturais, sociais e econômicas em diferentes setores dentre eles na comunidade educativa. A globalização contribuiu com o barateamento de diversos equipamentos dentre eles os smartphone que entra na sala de aula e muitos professores não sabem o que fazer com essa tecnologia. Como essa tecnologia adentrando a sala de aula modifica o dia a dia do professor? Como usar essa tecnologia aliada a sala de aula e ao processo educacional. Iremos destacar no smartphone a possibilidade de o aluno gravar e fotografar.

Falar em produção de vídeo dentro do espaço escolar leva a negação desta ação tecnológica, artística e poética ter ligação com o processo educacional, mas será que a produção de vídeo tem esse viés pedagógico? Desde a década de 1910 a mídia na escola é uma ação imaginada e idealizada por alguns pesquisadores dentre eles Roquette Pinto que já defendia que as mídias da época poderiam ser usadas como um processo educacional. Como médico Roquette Pinto (2017) desejava usar a tecnologia para ensinar a uma população maioritariamente analfabeta ações mínimas de saúde e educação. Já Freinet (1975) defendia que a escola não é nada sem o meio social onde está inserida que a mesma é moldada por essa

realidade que muitas vezes tenta adentrar a escola, mas sem dialogo, assim a produção de vídeo reforça essa ação já que permite que o entorno da escola entre na mesma. Emília Ferreiro (1975) já defendia que a criança já chega com alguma bagagem na escola, tem internalizado muitos signos que vivenciou ao longo do tempo com sua família e a sociedade e muitos destes signos e significados aparecem no tema e no roteiro que o aluno deseja fazer. Quando se pensa na produção de vídeo estudantil essas visões estão dentro da perspectiva desta produção, já que o aluno realiza o vídeo com base na sua realidade social como afirma Christ 2015 e Pereira e Janhke 2012.

Foucault (1987) defendia a representação social da escola e as relações de poder que a mesma apresenta e sua ação indireta com os espaços físicos de uma prisão e fábrica. A hierarquia do chefe mandando, do operário obedecendo e no final do mês a recompensa salarial e na escola o aluno obedecendo as ordens e normas do professor. A produção de vídeo estudantil é o momento que o professor não tem o domínio da fala e nem da hierarquia usada mesmo de forma velada, pois desde o tema até a concepção final do vídeo é o aluno que tem o controle da situação, muitas vezes deixando o professor sem respostas para seus

questionamentos sociais, já que o professor inserido na sociedade atual vivencia esses mesmo problemas de uma forma diferente do aluno, mas muitas vezes se vê naquela situação de injustiça social e mesmo assim obrigado a ensinar a fórmula de bhaskara.

Um dos debates que podemos levantar é o que ensinar e como ensinar. A sociedade mudou e a escola mudou ou sua estrutura ainda é a mesma desde o século passado? Seymour Papert (1994) já apresentava que se um médico e um professor do século passado chegassem no nosso tempo o médico não saberia clinicar em função da mudança tecnológica já o professor viria o quadro negro e iniciaria a sua aula sem problemas. Se a sociedade mudou, qual o motivo da escola não mudar? A produção de vídeo pode ser um dos elementos que está tentando modificar essa ação de reprodução social da escola inserindo o aluno como protagonista, sujeito social do seu aprendizado como defende a metodologia ativa. Como o estado que organiza o processo educacional vê estas mudanças? Essa é uma preocupação docente que passa por Aristóteles e a responsabilidade do estado na geração do processo educacional, de Kant (2001) é a racionalidade advinda do iluminismo enquanto Nietzsche (1998) e Marx (1988) defendendo que nossa autonomia é cerceada pelos fatores sociais e políticos. Sendo assim na produção de vídeo o que o aluno faz é se libertar das amarras do sistema educacional que induz ele a pensar da mesma forma e no mesmo padrão, assim a produção do vídeo ajuda o aluno a sair da bolha ou pelo menos furá-la.

Nosso grande mestre Paulo Freire oriundo dos debates da Centro de Produção Cultural (CPC) entendia que a mudança social que a escola precisava não viria do poder hegemônico que controla o processo educacional. Freire (2003) defendia que quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor. A produção de vídeo enquanto metodologia ativa leva o debate não só da técnica de realização, mas da poética do grupo e do debate apresentado, mas para isso o professor deve ter consciência dessas mudanças para não virar o opressor que oprime sem nem tentar entender o processo educacional que existe no fazer vídeo que como defendido por Pereira e Dal Pont (2016) o currículo oculto que o fazer vídeo apresenta é o principal debate que o professor pode fazer dentro do processo educacional não se tornando opressor, mas libertador.

Sabemos da importância do respaldo teórico pedagógico, principalmente na questão do vídeo já que os alunos levantam temas nem sempre agradáveis a direção da escola como levantamento feito por Pereira e Mattos, 2017 analisando Festival de Capão do Leão os alunos realizaram 85% dos vídeos com temáticas sociais que vão do tradicional Bullying a drogas, Femicídio, abuso sexual, LGBTfobia dentre outros temas. A sociedade entra na escola para ser debatida e sai da escola como vídeo para ser debatida na sociedade já que estes vídeos estão na rede mundial de computadores.

Muito se fala que a produção de vídeo é um espaço pedagógico como defende em teses e dissertações Pereira 2005, 2014; Boll 2013, o que

levou alguns professores ao equívoco de simplesmente pegar uma parte de sua disciplina e colocar como uma ação do vídeo burocratizando algo que os alunos gostam que é ser livres na produção de vídeo e deixar a imaginação livre para criar. Quando o professor limita a produção de vídeo para o espaço da academia é a forma principal do professor tirar o que o vídeo tem de mais importante e o que atrai os alunos, o poder de criar e de imaginar.

René Descartes (2000) desenvolveu o pensamento colocando pensamento racional em primeiro lugar, deixando de lado uma das ações mais importantes para o ser humano que é o sentir. Antônio Damásio em pesquisas aponta que o erro de Descartes foi justamente colocar na racionalidade toda a ação humana deixando de lado a importância do sentimento. Damásio (2005) defende que a inteligência emocional é tão importante quanto o racional, que o ser humano é composto de sua racionalidade e da sua emoção. E o fazer vídeo é o espaço lúdico onde o aluno utiliza de sua imaginação aliada a técnica cinematográfica, mas o motor motriz do vídeo é a criatividade.

Fazer vídeo é uma ação mais ligada à emoção do que a racionalidade, ligada à poética do aluno. Quando faz vídeo o aluno trabalha a sua poética, os signos internalizados e o seu mundo interior. Sua poética está ligada à sua relação interna e externa com o mundo, como defendia Aristóteles e reforçado por Lacan quando afirma que “não há nenhuma realidade pré-discursiva. Cada realidade se funda e se define por um discurso”. (1985 p.45) e os vídeos são os discursos

dos alunos criado coletivamente. O que percebemos em pesquisas e debates com alunos é que a produção de vídeo proporciona o **currículo oculto** de forma mais clara e ampla para os alunos e docentes trocarem informações e experiência a relação docente discente não é mais a de superioridade, mas de troca.

O **currículo oculto** como defende Pereira e Dal Pont (2016) é a forma de educar os alunos debatendo a sociedade e condutas sociais, regras e formas de viver. É a forma de se trabalhar conceitos transversais para a formação global do aluno, nem sempre as disciplinas contribuem para a socialização e compreensão das regras sociais, o currículo oculto se aprofunda na produção de vídeo estudantil. O uso do currículo oculto não pode ser planejado já que se leva em consideração o conhecimento advindo dos alunos. O currículo oculto contribui e viabiliza o processo de ensino e aprendizagem não no currículo acadêmico, mas no currículo da vida. Qual a relação entre o currículo oculto e o currículo formal?

O currículo formal é instituído pelo sistema de ensino e as diretrizes curriculares com seus objetivos, conteúdos, disciplinas e os parâmetros curriculares. Esse currículo é apresentado para o docente que na sua aula cria o currículo real que acontece dentro da sala de aula a cada dia em função da realidade da aula na interação entre o conteúdo abordado, os alunos, o professor e a didática utilizada. Já o currículo oculto ocorre na relação direta entre professor e alunos sem as amarras academicista. Na relação entre o docente e discente debatendo a sociedade e o mundo. Esse tipo de aprendizado é oculto pois não aparece no

planejamento do professor, mas essencial para a formação de um cidadão pleno.

Na produção de vídeo na escola o debate é dos alunos para os alunos e quando o docente coloca a sua teoria tira a espontaneidade do fazer vídeo. A escola pode aproveitar o fazer vídeo como uma estratégia pedagógica que contribua em antecipar debates e ações. Fazer vídeo contribui e reforça a democracia dentro da escola com debates entre alunos, na sala de aula e em toda a escola, reforçando a escola democrática. O fazer vídeo leva muitas temáticas sociais e pessoais dos alunos para a escola e nem sempre o docente está preparado para esse tipo de debate e de ação. É o espaço onde o docente e discente trocam não conhecimento acadêmicos, mas conhecimentos de vida. Para Perrenoud (2005) a abordagem a partir do currículo real e da experiência de vida tem consequências enormes quanto ao papel do professor, já que ensinamos o que somos, segundo uma fórmula que convém tanto à educação quanto à sociedade. O primeiro recurso da escola seria o grau de cidadania dos professores e a produção de vídeo é o espaço que exercitamos a possibilidade do professor e alunos debaterem sem as amarras do conteúdo acadêmico a sociedade e a vida.

O currículo oculto tem como base o interesse dos alunos e da comunidade escolar, já que não podemos tirar a escola do meio social que a mesma está inserida. Por isso o diálogo é algo fundamental e acontecerá por meio do diálogo, da problematização do contexto real que o aluno vivencia e da provocação que o docente pode fazer dentro do assunto abordado da consciência crítica dos envolvidos discentes e docentes que

influenciará de alguma forma nas propostas escolares. O currículo oculto influencia de forma direta o processo de aprendizagem, já que é um conjunto de atitudes, valores e comportamentos que não estão no currículo formal, mas fazem parte da formação do futuro cidadão. Sabemos que o currículo oculto é social e culturalmente definido pelas relações de poder entre discente e docente.

Produzir vídeo é uma das ações que contribui para que o meio social adentre a escola de forma direta e sai de forma lúdica em vídeos realizado pelos alunos. Freire (2003) denunciava a educação bancária onde o professor deposita seu conhecimento nos alunos e a produção de vídeo é o momento onde alunos e professores debatem de forma direta como iguais. Produzir vídeo é debater a sociedade e a possibilidade do docente utilizar o currículo oculto sem as amarras acadêmicas.

Bibliografia

- CHRIST, Kelly Demo. Perspectivas de ensino e Expressão com o Cinema: Um estudo a Partir do Projeto Oficina de Vídeo Estudantil. TCC apresentado ao curso de Cinema e Audiovisual para obtenção do título de Bacharel em Cinema. Orientação Dr. Josias Pereira. UFPel. 2015.
- DAL PONT, Vania. Roquette Pinto e a Produção de vídeo Estudantil. Revista Roquette Pinto. Pelotas 2017.
- DAMÁSIO António, O Erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DESCARTES, René. Discurso do Método. São Paulo: Nova Cultura. Col. Os Pensadores 2000.
- FERREIRO, Emília. Reflexões sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez, 1985.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREINET, C. As técnicas Freinet da escola moderna. Estampa, 1975.
- FREIRE Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 2003.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LACAN, J. O seminário: Livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. 1985.

MARX, Karl. O Capital. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1998.

PAPERT Seymour, M. A Máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

PEREIRA, Josias; PONT, Vania. Dal. Como fazer vídeo estudantil na prática da sala de aula.. Pelotas: Erdfilmes, 2016.

PEREIRA, Josias; JANHKE, Giovana. A Produção de Vídeo Nas Escolas; Educar com Prazer. Pelotas: Erdfilmes, 2012.

PEREIRA, Josias; MATTOS, Daniela Pedra, A Produção De Vídeo Na Prática Escolar: Análise do I Festival de Vídeo Estudantil da Cidade de Capão do Leão/Rs- Brasil. 1 Revista Tecnologias Na Educação- Ano 9- Número/Vol.19- Julho 2017- tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

PERRENOUD, P. Escola e cidadania. O papel da escola na formação para a democracia. Porto Alegre: Artmed Editora. 2005.